

Os inocentes da Bandeirantes

Villas-Bôas Corrêa

O quarto e último Debate dos Presidênciaáveis gravado pela Rede Bandeirantes foi certamente o melhor e, ao mesmo tempo, por um desses descuidos imprevisíveis, o mais vulnerável à crítica.

Os candidatos portaram-se com britânica correção, aqui e acolá abrindo a guarda para os desculpáveis destemperos latinos. Não todos: coisas do Caiado, das esperanças discursivas do Maluf e do acumamento do Afif. Os temas fluíram com naturalidade, demonstrando que treino ajuda a soltar a língua e a memorizar dados empilhados pelas equipes especializadas.

Mas, parte do esforço e do êxito terminou comprometida pela denúncia da espantosa desinformação em que se enfurnam candidatos esfalfados pelas exigências da campanha e assessorias notoriamente competentes e que também devem estar esbofadas pela correria em que se transformou a maratona da sucessão.

Vamos aos fatos. O debate começou com atraso, quase às 22h, aí pelas 9h50. No apagar do domingo, noite cerrada apesar do desconto do horário de verão inaugurado na primavera. Do lado de cá, uma expectativa que a Marília Gabriela anunciou, com ênfase de justa vaidade, em torno de 22 milhões de espectadores insones.

Pairando no ar, como tema obrigatório, prioritário, obsessivo, a alauza provocada pela intromissão da candidatura de Sílvio Santos. Na rodada de abertura, coube a Leonel Brizola colocar o assunto, com a dose de emoção que estouraria em lágrimas na despedida, madrugada solta. E Sílvio rolou, indo e vindo, nos sete blocos compactos do tempo generoso. Abordado pelos ângulos óbvios e superficiais. Indignação e argumentos imprimiram a nota justa de reação, com farta distribuição de adjetivos e largo consumo de irritação. Até aí, tudo bem.

O que não dá para entender é que nenhum dos sete presidenciaíveis presentes — seus assessores, jornalistas convocados para formular perguntas — tenham em ne-

nhum momento demonstrado que tinham lido a reportagem definitiva de Teodomiro Braga e Teresa Cardoso, publicada no JORNAL DO BRASIL, em edição de mais de 300 mil exemplares que circulava desde as primeiras horas da manhã, comentada em todo o país, e que desvendava a trama escabrosa da montagem da candidatura de Sílvio Santos. Não se trata de matéria de rotina nem de denúncia pingando sensacionalismo. Mas de relato exemplar, hora a hora, minuto minuto, da história que estava pedindo para ser contada. E que muda o risco da campanha, altera seu enredo.

Esta sua importância singular. Não se desvendam lances que suscitem o esbugalhar dos olhos de surpresa. O pior escorreria na lama de ontem, com os 600 mil cruzados reclamados pelo pobre-diabo do Linhares para vender a renúncia à sua ignorada candidatura à vice-presidência — estorvo para fechar o negócio, afastado aos berros, ameaças e xingamentos pelo capadócio que se jacta de ter armado a arapuca.

A história que faltava para selar o evidente: a candidatura de Sílvio Santos é política e moralmente inviável. Resta saber quem varrerá o lixo para o monturo de onde provém: se o TSE, o próprio num instante de remorso ou o eleitor. Porque a história é ordinária, reles, píflia, sórdida, abjeta, pulha, calhorda. Suja todos os que enfiaram os dedos na imundícia, sejam anelares evangélicos ou indicadores senatoriais.

O nojo do enredo impõe a conclusão: não se chega à presidência pelos atalhos do charco, driblando os atoleiros do pantano.

E o mais absurdo é que Sílvio Santos ainda é o personagem menos emporcalhado na traficância. Nela perpassa como um hesitante e deslumbrado paspalhão, que não está entendendo nada da trama dos marginais que o envolvem e sempre exibindo o sorriso fixo de bochechas espichadas e que o faz magicamente parecido, como imagem refletida em múltiplos espelhos, com Os Três Patetas.